



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação

Fazenda Monte Livre

código

AV - FO4 - Sap

localização

Rua Pascoal Alvine, Anta (1º distrito de Sapucaia)

município

Sapucaia - RJ

época de construção

século XIX

estado de conservação

detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original

lazer e veraneio / fazenda de café e cereais

proteção existente / proposta

nenhuma

proprietário

particular



Fazenda Monte Livre, fachada principal.

coordenador / data

Alberto Taveira / jul 2009

equipe

Alberto Taveira e Amauri Lopes Jr.

histórico

Alberto Taveira

revisão

**Coordenação técnica
do projeto**

Chega-se à Fazenda Monte Livre pela rodovia BR-393 (Rio-Bahia). No centro da localidade de Anta (1º distrito de Sapucaia) toma-se a Rua Pascoal Alvine (uma ladeira) seguindo-a por cerca de 200m até a placa “Fazenda Monte Livre”. A partir desta, segue-se por cerca de 2,6 km, sempre à direita, por estrada de saibro em regular estado de conservação, onde alternam-se aclives e declives, sucedendo-se vales e morros, até uma bifurcação em que deve-se dobrar à esquerda, seguindo as placas indicativas da fazenda.

Ao encontrar-se a porteira onde se lê “Areão Monte Livre” (f01 e f02), ultrapassá-la e descer por uma estradinha estreita que apresenta um morrote à direita e montes mais elevados com vegetação remanescente da Mata Atlântica à esquerda. Cerca de 800 m à frente encontra-se outra porteira (f03), seguida de um descampado onde há um curral e uma casa de colono, após o que a estradinha estreita seu leito e piora em muito o estado de conservação, serpenteando em aclive entre morros ensaibrados. Cerca de 1,2 km adiante, avista-se à esquerda o Monte Livre (f04) e logo em seguida surge a casa-sede da fazenda a que ele nomeia (f05).

A morada está implantada em meio a um platô gramado margeado por caminhos ensaibrados, onde despontam coqueiros e algumas palmeiras imperiais (f06). Imediatamente à sua frente e à esquerda encontra-se um afloramento rochoso, além de matacões de pedra e de um pequeno açude para além do qual, mais à esquerda, está a casa do administrador. A casa-sede acha-se locada aos pés do exuberante Monte Livre, que a protege dos ventos dominantes, além de proporcionar-lhe sombreamento (f07).



01



02



03



05



04



06



07

Ladeando pela direita a casa-sede, um extenso gramado de formato retangular limitado a toda volta por mureta com o peitoril abaulado, local do antigo terreiro de secagem de café (f08). Está elevado em cerca de 70 cm em relação ao piso do caminho, sendo vencido este desnível através de uma escadaria central em pedra com três degraus e montantes encimados por esferas em massa, que é antecedida por palmeiras imperiais (f09). O terreiro está separado da casa-sede por corredor à sua volta (f10) e apresenta canaleta subterrânea que coleta as águas de nascentes vindas da parte alta da fazenda, desembocando, através de um ciclópico vertedouro (f11), numa calha em pedra que antecede a frente do terreiro (f12). No terreiro está implantada, relativamente distante da casa-sede, a piscina, de cantos adoçados, com apoio logístico (banheiros e vestiários) dado pelo bloco da senzala (f13 e f14).



08



09



10



11



12



13



14

Pelo lado direito do terreiro, limitando-o, está a antiga senzala, locada perpendicularmente ao caminho ensaibrado (f15 e f16). Composta por uma estreita e longa edificação de um pavimento sobre porão baixo, com telhado de quatro águas em telhas capa e canal e varanda frontal puxada (f17 a f20).



15



16



17



19



18



15

A construção serve hoje como dependências para hóspedes. Apresenta seis suítes (f21 e f22), um salão de jogos com banheiro (desativado) (f23), depósitos e vestiários ao fundo (f24).

Atrás do terreiro de café, as ruínas do tanque de lavagem de grãos e o local da provável tulha, da qual não foi possível descobrir vestígios (f25 e f26).

Registre-se, como curiosidade, a existência de uma antiga e persistente “casinha” nos fundos, à esquerda, da casa-sede, lembrança de nossas primitivas instalações sanitárias (f27).



21



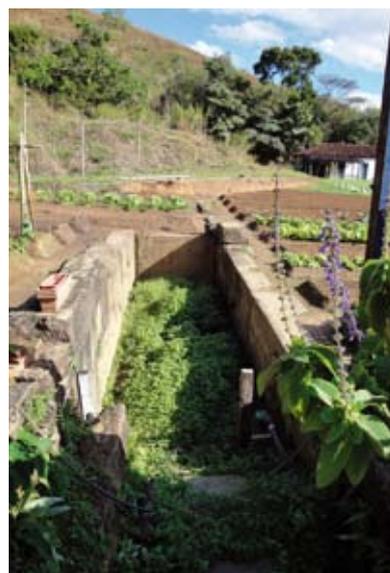
22



23



24



25



26



27

A Fazenda Monte Livre possui um pavimento sobre porão baixo. Apresenta embasamento em pedra recoberto de hera e paredes caiadas de branco que contrastam sobremaneira com o azul intenso dos marcos de suas esquadrias e detalhes decorativos. O telhado em seis águas conta com cobertura em telhas capa e canal além de puxados de uma água à esquerda da fachada frontal e na lateral contígua (f28). Um passeio calçado por paralelos orla toda a frente da casa.

A fachada principal, postos de lado os acréscimos à esquerda, ainda assim não se caracteriza pela simetria na equação de sua composição, pois um número par de vãos – caso apenas um deles seja de porta – não possibilita eixo e, por decorrência, equilíbrio do ponto de vista da composição clássica em arquitetura, a qual essa fazenda se filia. Assim, excêntrico, está locado o acesso mais à direita, ladeado por duas janelas contíguas e por outras três à esquerda (f29).



28



29

Os vãos apresentam vergas e sobrevergas retas – estas últimas em estuque, apoiadas em prolongamentos das ombreiras –, cercaduras em massa tintas em azul colonial e intervalos regulares entre si. As janelas contam com esquadrias em guilhotina de caixilhos de vidro com tramo superior revelando delicado trabalho estilizando pétalas de flor, e a porta mantém duas folhas almofadadas em madeira com bandeira fixa, semelhante à parte superior das janelas (f30). A portada é alcançada por escadaria em hemicírculo com oito degraus de pedra, que, segundo informações da proprietária, não é a original (f31).

Ladeando pela esquerda a portada, está inscrita sobre guirlanda de louros a data provável de construção, ou reforma, da Fazenda Monte Livre: 1881 (ver f30).

Nos cunhais, pilastras dóricas ressaltadas em massa e pintadas de azul suportam a arquitrave, frisada e com barra lisa também azul, que é coroada por cimalha escalonada antecedida por dentículos em estuque, tudo isto a sublinhar o beiral de capas e bicas (ver f29 e f31).

As fachadas lateral direita e de fundos (f32) seguem a mesma tipologia da principal, com destaque para o acesso ao quarto mais importante da casa, também excêntrico, porém inversamente ao da fachada frontal. Alcança-se o mesmo por uma escada reta e sem guarda-corpo, com seis degraus em pedra, sobre a qual jaz um limpa-barro em ferro. De sua ombreira direita pendente o tradicional sino em bronze para anúncio das refeições ou algum outro chamamento qualquer (f33).

Nos acréscimos à esquerda, miniaturizam-se e empobrecem-se as mesmas soluções estéticas das fachadas já descritas (ver foto na folha de rosto).

A destacar no conjunto da fachada frontal, as figuras, em ferro fundido pintado, de dois jóqueis portando argolas para a amarração de cavalos (f34, f35 e f36).



30



31



32



33



34



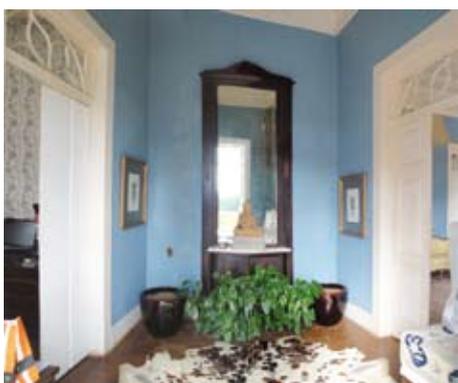
35



36

Ingressa-se na casa-sede por um *hall* de distribuição (f37), a partir do qual alcança-se, pela direita, uma sala de estar (f38) e um pequeno escritório (f39). Pela esquerda, chega-se a um cômodo de passagem, utilizado como escritório (f40), tendo, a seguir, a sala de TV (f41), que leva, à direita, ao quarto principal com *closet* (à época em obras) e banheiro. Da sala de TV alcança-se também um corredor (f42) para qual volta-se, em sequência, de um lado, uma suíte (f43 e f44) e dois armários, e do outro, um lavabo de dupla utilização (f45) e uma copa (f46). No fim do corredor chega-se à cozinha em "L", cujo foco de interesse é o fogão a lenha (f47 a f50). Descendo uma escada, encontra-se o quintal murado onde há uma lavanderia (f51 e f52).

A casa-sede apresenta piso em tabuado com junta seca na grande maioria de seus cômodos, inclusive em alguns transformados em área molhada, como é o caso do banheiro do quarto voltado ao corredor (ver f44). As copas, cozinhas, banheiros novos e lavanderia são calçados por ladrilhos hidráulicos (ver f45 a f50 e f52) e o quintal mantém piso em lajes de granito cinza (ver f51). Os ambientes mais nobres, como salas, quartos e corredor, mantêm forros em madeira, alguns em saia e blusa. Na copa e banheiros estes são também em madeira, porém à paulista, assumindo, na cozinha e lavanderia (ver f47, f48 e f52), a inclinação do telhado.



37



38



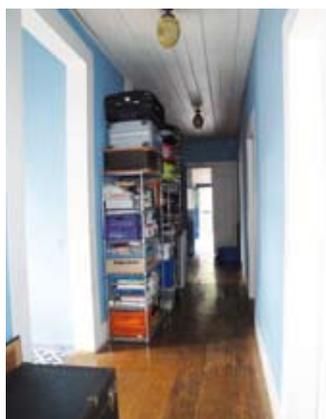
39



40



41



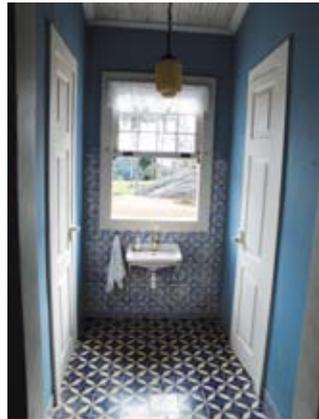
42



43



44



45



46



47



48



49



50



51



52

A casa-sede apresenta bom estado de conservação, passando, entretanto, atualmente, por algumas obras – segundo a proprietária – “eternas”. Estão sendo executados consertos na argamassa de revestimento das paredes, repintura de partes da alvenaria e esquadrias (f53 a f56), bem como a transformação de um *closet* em banheiro, na qual foi posta à mostra a trama em pau a pique das paredes (f57 e f58). A porta de acesso principal recebeu “bacalhau” em seu rodapé, que apodreceu em virtude dos respingos da chuva (f59).

Na antiga senzala, parte do barroteamento do piso do salão de jogos cedeu devido ao entupimento de uma calha que margeava os fundos da construção, tendo sido retiradas algumas peças de seu tabuado para futura recomposição (f60). Neste mesmo ambiente, o forro apresenta descolamento generalizado da pintura (f61) e em seu banheiro anexo foi retirado o lavatório (f62). Na varanda, parte do telhado desabou levando o trecho correspondente do guarda-corpo em madeira, cujo trabalho rendilhado em serraria é de fácil reprodução (f63).



53



54



55



56



57



58



59



60



61

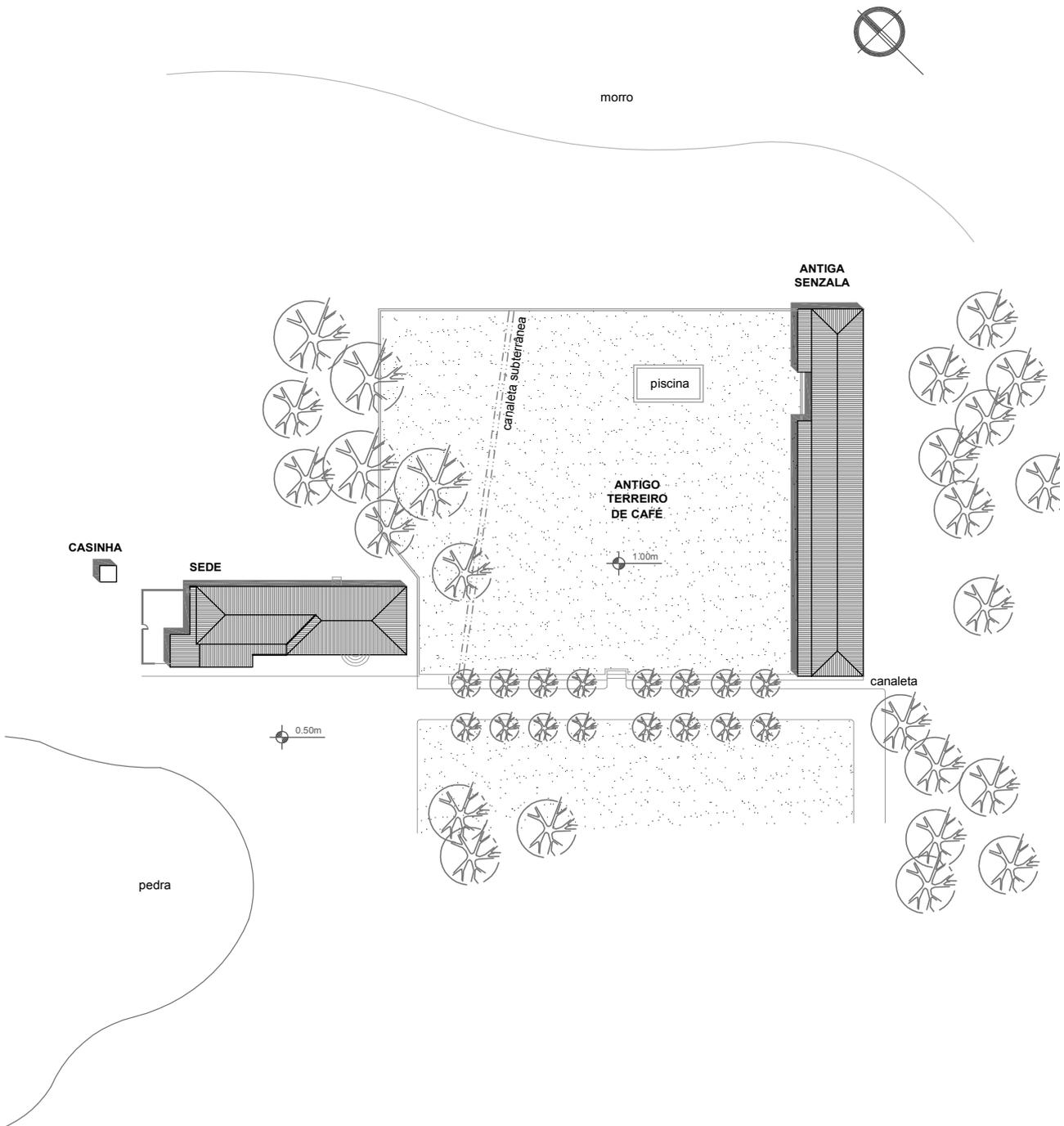


62



63

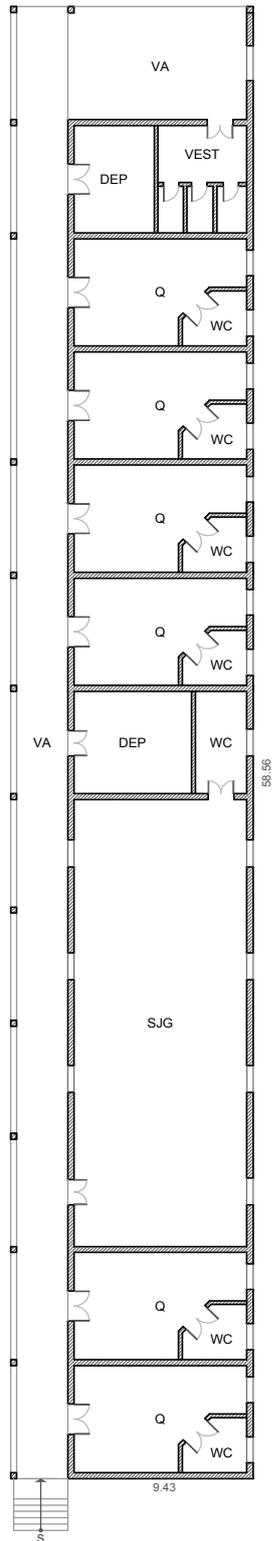
FAZENDA MONTE LIVRE



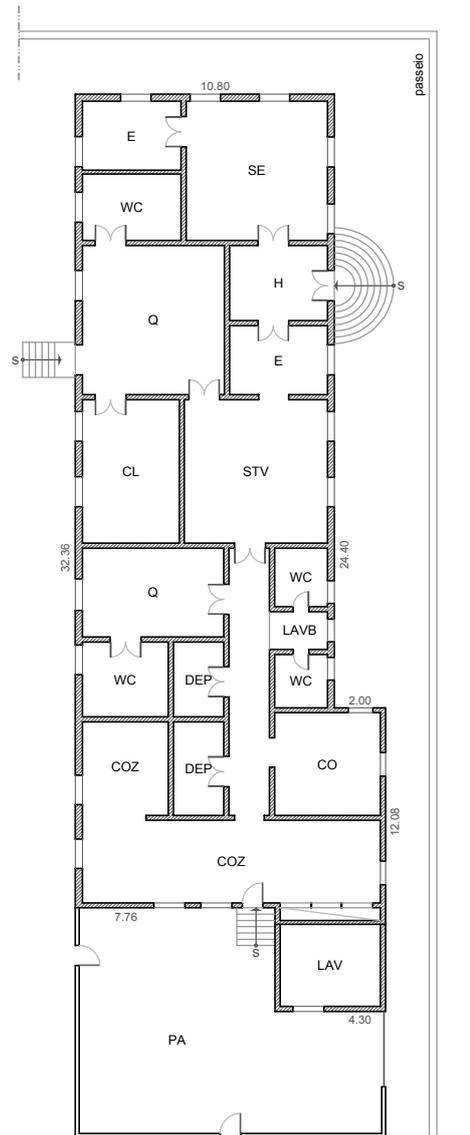
1 Implantação
escala: 1/1000



FAZENDA MONTE LIVRE



1 Planta Baixa da Senzala
escala: 1/ 300



2 Planta Baixa da Sede
escala: 1/ 300



CI - circulação	COZ - cozinha	H - hall	SE - sala de estar	Q - quarto	STV - sala de tv	WC - banheiro	alvenaria existente
CL - closet	DEP - depósito	LAV - lavanderia	LAV - lavanderia	SE - sala de estar	SE - sala de estar		alvenaria demolida
CO - copa	E - escritório	LAVB - lavabo	LAVB - lavabo	SJG - salão de jogos	VEST - vestiário		

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AV - F04 - Sap

2/2

equipe:
Alberto Taveira/ Amauri Lopes Junior

desenhista:
Amauri Lopes Junior

revisão:
Francyla Bousquet

data:
ago 2009

As primeiras notícias referentes à colonização das terras do atual município de Sapucaia dão conta da chegada dos suíços Inácio Lengruher e Vicente Ubherlarto, por volta de 1809, aos quais foram concedidas algumas sesmarias na região, abrangendo as terras próximas ao Morro de Santo Antônio.

Posteriormente, chegaram os portugueses Joaquim de Souza Breves e Antônio de Souza Brandão, depois barão de Aparecida, além do francês Francisco Diogo Perret. A fertilidade das terras, próprias para o cultivo do café, determinou o afluxo constante de colonos para a região, assim, rapidamente surgiria um pequeno arraial, que teve, por iniciativa de Antônio Inácio Lengruher, construída uma capela em intenção a Nossa Senhora Aparecida. Em 1842, a localidade foi elevada à categoria de freguesia e deu o nome ao núcleo populacional de Aparecida, atualmente sede de um dos distritos de Sapucaia. Em 1856, em muito decorrente dos esforços de Augusto de Souza Furtado, Domingos Antônio Teixeira e José Joaquim Marques Melgaço, grandes latifundiários com terras entre os rios Calçado e Paraíba do Sul, surgiu um novo arraial com o nome de Santo Antônio de Sapucaia¹, em homenagem ao padroeiro do curato. A elevação à freguesia aconteceu em 1871, sob invocação de Santo Antônio de Sapucaia e a instalação do município, criado em 1874, tendo como sede o arraial de Sapucaia – elevado à categoria de vila –, ocorreu em 28 de fevereiro de 1875.

São muito dispersas as informações referentes à Fazenda Monte Livre. Sabe-se, entretanto, que, em 1860, ela já existia e era propriedade de José Teixeira Alves Braga².

Em 1920, pertencia a Astolfo de Mattos Machado, cujos herdeiros realizaram, em outubro de 1942, o “memorial descritivo da Fazenda Monte Livre”. De acordo com este documento, com mapa em anexo, os 60 alqueires geométricos de terras da fazenda foram assim distribuídos: Osório Teixeira da Silva, 25 alqueires; Galileu Machado Braga, a sede da fazenda e mais 19 alqueires; Samuel Teixeira da Silva, 5 alqueires; Omar Teixeira da Silva, 5 alqueires e Ary Teixeira da Silva, com 3 alqueires.

Durante anos, esta fazenda fez parte da jurisdição da freguesia de São José do Rio Preto, município de Paraíba do Sul. Desde a criação do município de Sapucaia, em 1874, a Fazenda Monte Livre passou a pertencer ao distrito de Anta.

A data de 1881, impressa em estuque na fachada principal, está ligada, segundo a proprietária atual, à última reforma ocorrida na fazenda. O monte livre³, a que alude o nome da fazenda, refere-se ao Monte Mário, penedo belo e imponente que se eleva aos céus, próximo à casa-sede.

As fazendas Monte Livre e Campo Belo, vizinhas, comunicavam-se através de bandeiras, que eram erguidas no Monte Mário, dando a saber, por meio de cores ou combinações delas, informações ou necessidades mútuas. A fazenda foi adquirida pela atual proprietária em 1984. Esta recebeu uma propriedade com muito por fazer para sua manutenção e conservação nos padrões originais, além de “herdar” a centenária Sinhá Maria, nascida já sob os auspícios da *Lei do Ventre Livre*, que, a partir de 28/09/1871, outorgava a liberdade aos filhos de escravos, e que faleceu aos 105 anos, em 1989.

Nesta época, foram plantados cerca de 50 mil pés de café em curvas de nível, cafezal produtivo que durou cerca de dez anos e que teve fim trágico num incêndio de grandes proporções. Atualmente, é intenção dos proprietários empreender o reflorestamento de seus 400 hectares em agrofloresta, que alia espécies produtivas da região à Mata Atlântica.

Fontes:

Biblioteca IBGE in <http://www.citybrazil.com.br/rj/sapucaia/historia.php>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sapucaia>

¹ Sapucaia registra e recorda a existência, no local, de grande quantidade de árvores, hoje um tanto quanto raras, conhecidas como sapucaias, corruptela de yacapucai.

² *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro*. Eduardo Laemmert (org.). Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert. Ano 1860, Freguesia de São José do Rio Preto, p.258

³ Ainda segundo a proprietária, corre a lenda que, para esse monte, afluíra grande quantidade de escravos libertos pelas várias leis abolicionistas que culminaram com a Lei Áurea em 1888, transformando a área e seu ponto principal num “monte livre” que teria sido, assim, um local de refúgio e concentração deste contingente de negros agora livres, porém, carentes de condições para se incorporar imediatamente a uma sociedade ainda em reestruturação.